

Compondo parcerias: uma experiência de terapia ocupacional em um museu de arte

Ana Tereza Costa Galvanese¹

Sylvio Coutinho

Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima

Introdução

O *Laboratório de Estudos e Pesquisas Arte e Corpo em Terapia Ocupacional* da Faculdade de Medicina da USP desenvolve, desde 1997, atividades conjuntas de ensino, pesquisa e extensão universitária com a Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte do MAC - Museu de Arte Contemporânea da USP. Através de acordo acadêmico, terapeutas ocupacionais e estagiários do Laboratório participam do Programa Lazer com Arte para a Terceira Idade – LAPTI, desenvolvido pelo Museu e coordenado pelo Professor Sylvio Coutinho.

Este programa busca promover uma aproximação do público idoso com a arte moderna e contemporânea, por intermédio de atividades em ateliê e visitas orientadas às exposições do acervo do Museu. A partir da contextualização e de uma apreciação mais acurada, obras e artistas selecionados tornam-se referenciais para a reinterpretação, transformação e interação criativa, em um processo que contribui à construção das poéticas visuais de cada um dos participantes (Coutinho, 2007).

A parceria entre a Terapia Ocupacional e o Programa Lazer com Arte é construída no cotidiano do ateliê, através de dinâmicas de grupo, rodas de conversa, vivência da corporeidade e acompanhamento aos desafios da criação. A prontidão para o trabalho criativo, o suporte às experiências desencadeadas no processo e a transformação dos seus impedimentos norteiam essa atenção em Terapia Ocupacional, cujo horizonte é a produção de uma qualidade no acesso de diferentes populações aos espaços culturais.

Procuramos a seguir compartilhar indagações e pequenos achados reunidos através de uma experiência no Programa, inicialmente como estagiária na disciplina Estágio

¹ Laboratório de Estudo e Pesquisa Arte e Corpo em Terapia Ocupacional do Depto. de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da USP/ Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/ USP.

Supervisionado VIII: Terapia Ocupacional e as ações na interface arte-saúde, e em seguida, como terapeuta ocupacional ligada ao *Laboratório de Estudos e Pesquisas Arte e Corpo em Terapia Ocupacional*, participante do acordo de cooperação deste com o MAC-USP.

Que lugar é esse?

O depoimento de um participante do ateliê, durante uma dinâmica de grupo, define o Programa Lazer com Arte para a III Idade – LAPTII - como um lugar onde “*ninguém te chama por diminutivos: ninguém passa a mão na sua cabeça, dizendo: “que gracinha”, “está lindinho”*”.

O acesso aos fundamentos da História da Arte; às tendências da Arte Contemporânea; e à experimentação e domínio de técnicas de pintura, desenho e produção de imagens gráficas, caracterizam-no enquanto um lugar de aquisição de repertórios, no universo da cultura, e de ampliação das interlocuções do sujeito com esse universo.

Assim, a ampliação do próprio repertório de linguagens é uma aquisição provavelmente desejada, por aqueles que procuram esse ateliê.

Ao mesmo tempo, essa aquisição demanda empenho e disponibilidade para diálogos - e mesmo confrontações – entre modos de ver, especialmente no que diz respeito a padrões estéticos cristalizados, ao longo das trajetórias de vida de cada sujeito.

Pode-se, então, pensar este lugar como um território de experiências de composições várias, entre diversos modos de ver: seja em relação à arte, à vida ou a si mesmo. Tais composições se dão ora em afinação, ora em dissonância, construindo corpo, objeto e pensamento: gerando *transformações*.

Como tem se constituído aqui a prática da Terapia Ocupacional?

A função das ações em Terapia Ocupacional neste espaço reside em dar suporte à experiência desencadeada na mobilização que o contato com a arte promove na subjetividade, sustentando processos de criação que são disparados, acompanhando a sutil invenção de formas para si e a emergência de imagens no mundo, mas também auxiliando no enfrentamento dos impedimentos que surgem, causando angústias e dificultando a criação.

Para a Terapia Ocupacional, a produção desse suporte demanda a criação de atividades com “função intercessora”: com potencial de intensificação das sensibilidades; de abertura a percepções, imaginações e lembranças até então não acessíveis; com força para despertar a gênese de diferenças. (Deleuze, 1992; Galletti, 2004).

Nesse sentido, o LAPTI pode ser compreendido como um lugar de composições restauradoras daquilo que Lygia Clark chamou de “estado de arte” – um estado de criação que atravessa todas as dimensões da vida, inclusive da vida cotidiana. (Rolnik, 1996). A Terapia Ocupacional desempenha aqui uma “função intercessora”, ao convidar os participantes a essa experiência, através de atividades.

(C)o(m)posições...criativas?!

Composições entre arte e terapia ocupacional podem favorecer a experiência de um “estado de arte”? A partir dessa indagação, procuramos focalizar um dinamismo de forças presente no indivíduo desde a constituição do self, e atuante no contínuo criar e transformar a vida: forças que se manifestam, mesmo que momentaneamente, em oposições criativas.

”O self é o acontecer de si mesmo no mundo”, afirma Gilberto Safra (1999:92). A ação e o gesto são forças motrizes desse acontecer: “a possibilidade de ação cria a mãe, o self, o gesto e o mundo do bebê”, continua.

O mesmo autor observa que ocorre um desenvolvimento paralelo entre os aspectos eróticos e a agressividade, na organização do self, e que, nesse processo, a oposição cumpre um papel fundamental na aquisição da motilidade:

“Há, portanto, o gesto que se constitui pela criação do objeto e da sensualidade e o gesto que se desenha na oposição. São experiências distintas, que se organizam separadamente e apenas se integram, ao longo do tempo, pelo holding proporcionado pela mãe. O interjogo do encontro entre a mãe e bebê, que se dá pelas zonas erógenas, e o encontro que acontece pela oposição dos corpos possibilita à criança maneiras distintas de estar no corpo e, mais tarde, na vida.” (Safra, 1999:94).

Ao indagar acerca da experiência cultural, Winnicott sugere que seu desenvolvimento ocorre no espaço da brincadeira, o espaço potencial entre a realidade psíquica interna e o meio ambiente; e coloca em evidência a importância da construção da confiança baseada na experiência, para a fruição da criatividade.

Em relação à cultura, esse autor assinala o processo de integração e ação recíproca entre a originalidade e a aceitação da tradição como base da inventividade e chama a atenção para “o fato de que em nenhum campo cultural é possível ser original, exceto numa base de tradição” (Winnicott, 1975:138).

Focalizando, à luz desses conceitos, a experiência de terapia ocupacional desenvolvida no LAPTI, podemos pensar que, entre o aprendizado das técnicas e a expressão da originalidade, se instaura, ainda que momentaneamente, um campo de tensão, em que maneiras distintas de estar no corpo e na vida produzem diferentes composições.

Em relação a essa experiência, podemos ainda observar o exercício de uma ética da conexão, em que as relações de composição, diferentemente daquelas regidas pela dominação:

“não são nem adequações harmoniosas entre diferenças, nem fusões totalitárias fadadas a tornar todos os seres similares. Trata-se de estabelecer uma composição na qual os seres envolvidos se mantêm singulares, diferentes, do começo ao fim da relação: a composição entre eles realça tais diferenças sem, contudo, degradar qualquer uma delas em proveito de outras.” (Sant’Anna, 2001:95).

Assim, durante o ateliê, inúmeras proposições desafiam um exercício da composição que se configura no trabalho da pintura, mas envolve múltiplas dimensões do ser, com facetas e desdobramentos insondáveis, que eventualmente demandam algum acolhimento para florescerem como criação.

A escuta, o “holding”, a continência e a vivência da corporeidade constituem algumas dimensões desse cuidado realizado pela terapia ocupacional, no cotidiano do programa.

Escuta

O envelhecimento traz consigo temas e transformações que se impõem aos sujeitos. Entre esses, Anna Verônica Mautner destaca “uma obrigatória convivência do corpo que envelhece com o espírito atemporal” e um processo em que “a descoberta do estar só concretiza-se cotidianamente”. (Mautner, s/d).

A necessidade de compartilhar esse processo torna-se nítida no LAPT. O processo de envelhecimento parece contribuir para tornar mais evidente o “conversar” como necessidade humana e produção de cultura.

Humberto Maturana afirma que a experiência humana se processa através do conversar, “num entrelaçamento entre o linguajar e o se emocionar”, em que “a cultura é uma rede fechada de conversações, e que as mudanças culturais acontecem quando se produzem modificações nessas conversas” (Ruiz, 1999:68).

Esse entendimento, que pode ser estendido a qualquer trabalho na área da cultura, ganha destaque diante das singularidades da demanda dos sujeitos em processo de envelhecimento, em um momento da vida em que o *conversar com o outro* pode contribuir significativamente na transformação de situações de sofrimento:

“A possibilidade de trocar de papel, de se pôr no lugar do outro, de imaginar a necessidade do outro, e ter alegria em satisfazer o outro, me parece a pedra fundamental a partir de onde o envelhecimento não é obrigatoriamente a perda da alegria e a solidão inevitável”. (Mautner, s/ d)

Holding

Situações que demandam holding ocorrem freqüentemente, durante o ateliê, em momentos de desafio estético ou técnico, e muitas vezes se configuram com um pedido: “fica aqui, do meu lado?” Muitas vezes, esse “ficar ao lado” é suficiente para reinstaurar uma auto-confiança momentaneamente abalada, ou mesmo favorecer sua instauração.

De acordo com Barreto (1998) holding, ou sustentação, pode ser entendido como “tudo que, no ambiente, fornecerá a uma pessoa a experiência de uma continuidade, de uma constância tanto física quanto psíquica” (Barreto, 1998:60). Em outras palavras: holding refere-se à função de dar suporte às experiências do sujeito, através do vínculo terapêutico, no momento imediato em que elas acontecem.

Assim como a escuta, holding e continência são demandas que se manifestam, com frequência, em processos de inclusão social, em que o sujeito ousa percursos, na transição do “estar” para o “ser no social”. (Marques, 1991:205).

A continência é um suporte muitas vezes necessário, para que o vivido possa efetivamente “acontecer” e ser elaborado, transformando-se em experiência. Dar contorno à experiência do sujeito para que este possa transformá-la, através da imaginação, e para que este possa sentir uma emoção ou um sentimento sem transformar-se neles, são demandas presentes em muitos momentos do ateliê.

Corporeidade

Dançar pode ser a busca contínua de colocar e recolocar a corporeidade no mundo: Gilberto Safra afirma que “a vontade integra-se como parte do self, a partir das experiências estéticas que dão ao indivíduo a possibilidade de se apropriar de sua musculatura estriada como parte do seu ser” (Safra, 1999:99).

Na experiência desta parceria, a dança tem se configurado como momento de conexões e de criação.

“Corpos são essencialmente conectores: canais de conexões físicas, ambientais, de afetos e de saberes”, nas palavras de Regina Favre (2005). O corpo pode ser compreendido como uma forma que, através das suas expressões, pode se conectar a redes e coletivos.

O corpo pulsa como corpo vivo que é. Neste pulsar ele pode ser mais ou menos permeável aos ambientes, nutrir-se de afetos, de imagens, de informações. Mas pode também acontecer o isolamento e o corpo tornar-se refratário, desvitalizado e só.

A dança pode contribuir na reversão do isolamento, ao criar a possibilidade do gesto, no encontro com o outro. Nas palavras de María Fux, através da dança podemos:

“comunicarmo-nos com o nosso corpo, estimulados pelo desejo de expressar-nos com a música ou sem ela, mas fazendo do corpo um instrumento de comunicação entre o que queremos fazer, o que podemos fazer e entre o que vamos descarregando para podermos nos expressar”
(Fux, 1983:67)

Através da dança, podemos torná-lo mais fluente e viabilizar suas intensidades, contribuir para organizá-las, para torná-las linguagem, instaurando um “estado de arte”.

Considerações Finais

Ao nos debruçarmos sobre esta experiência de colaboração da terapia ocupacional num programa de um museu de arte, colocou-se para nós a questão de como pensar a relação entre cultura e saúde. E mais: de que saúde estamos falando e como buscá-la juntos?

Estas questões surgiam do acompanhamento de momentos e composições que se situavam “*entre a criação e a produção de uma certa saúde, a invenção de uma forma de enfrentamento da doença, da solidão, do isolamento*” (Lima, 2003). Composições transformadoras que tivemos o privilégio de acompanhar, tão singulares e únicas, são obras de arte e de vida cuja expressão é prerrogativa de seus autores.

Focalizamos então outro plano de composição que nos instiga igualmente: os desafios da parceria, na interface Arte e Saúde, em direção a uma proposta transdisciplinar.

De acordo com Galheigo (1999:50), a transdisciplinaridade opera num sistema de referência com três bases de sustentação: a abordagem dos problemas pelos diversos níveis de realidade possíveis, a fim de produzir discussões que possam se colocar adiante de concepções unilaterais; a lógica do terceiro termo incluso, isto é, a conciliação possível de termos contraditórios, para escapar à concepção simplista de verdadeiro ou falso; e o reconhecimento da complexidade dos problemas na sociedade contemporânea.

A parceria tecida no cotidiano das ações comporta todos esse focos e nos instiga: como um caminho de ensaio e erro; de pequenas e inúmeras conquistas; cujo desafio maior, e também a maior alegria é criar composições criativas e enriquecedoras das experiências dos sujeitos.

Bibliografia

BARRETO, K.D. *Ética e Técnica no Acompanhamento Terapêutico*. São Paulo, Unimarco, 1998.

- COUTINHO, S. *Lazer com Arte para a Terceira Idade*. www.macvirtual.usp.br. Acesso em 31.1.2007.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972-1995*. São Paulo, Editora 34, 1992.
- FAVRE, R. *A Construção Somática como um modo de Invenção da Vida*. Palestra: 2º. encontro da série Subjetividade e Contemporaneidade. São Paulo, 2005.
- FUX, M. *Dança, experiência de vida*. São Paulo, Summus, 1983.
- GALHEIGO, S.M. A Transdisciplinaridade enquanto princípio e realidade das ações de saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v.10, nº 2/ 3, p.49-54, mai/dez., 1999.
- GALLETTI, M.C. *Oficina em Saúde Mental: instrumento terapêutico ou intercessor clínico?* Goiânia: Ed. Da UCG, 2004.
- LIMA, E. M. F. A. *Das obras aos procedimentos: ressonâncias entre os campos da arte e da terapia ocupacional*. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- MARQUES, M.R.M. Atelier Bricoleur: intervenção no atendimento das psicoses. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v.2 n.4: 201-210, 1991.
- MAUTNER, A.V. *A envelhescência*. Apostila de curso. [Sl., s/d].
- ROLNIK, S. Lygia Clark e o híbrido arte/ clínica. *Percursos: Revista de Psicanálise*, ano VIII, 16: 43-48, 1996.
- RUIZ, A., Humberto Maturana e a Psicoterapia. *Revista Thot* v. 70: 61-69, fev. 1999
- SAFRA, G. Da Ação ao Gesto. In: *A Face Estética do Self: teoria e clínica*. São Paulo, Unimarco, 1999.
- SANT'ANNA, D.B. *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.
- WINNICOTT, D.W. A Localização da Experiência Cultural. In: *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.